

## **HOSPITALIDADE E STORYTELLING: PRELÚDIO À DÁDIVA DAS PALAVRAS**

**Hospitality and Storytelling: A Prelude to the Gift of the Words**

**DINÁ VIVIANE DUARTE LOURENÇON<sup>1</sup> & SÊNIA REGINA BASTOS<sup>2</sup>**

**DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p375>**

### **RESUMO**

O objetivo, neste artigo, é o de discutir sob o ponto de vista acadêmico, as possibilidades de atuação do storytelling na atualidade, reconhecendo essa prática como dádiva das palavras, independentemente das circunstâncias. Isso envolve observar a circulação da palavra em um contexto de storytelling, possibilitando o estabelecimento de relações interpessoais e de acolhimento, posto que a dádiva se fundamenta na relação. Baseado em artigos de periódicos e livros, discorre sobre a etimologia e conceitos de hospitalidade, storytelling e dádiva, por meio de pesquisa bibliográfica. Como resultado da análise, verificou-se como a arte de contar histórias ressurge na atualidade em diferentes contextos e o seu papel na sociedade como uma dádiva das palavras.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Hospitalidade; Dádiva; Storytelling; Palavra.

### **ABSTRACT**

The objective of this article is to discuss from an academic point of view, the possibilities of storytelling acting today, recognizing this practice as a gift of words, regardless of the circumstances. This involves observing the circulation of the word in a storytelling context, enabling the establishment of interpersonal and welcoming relationships, since the gift is based on the relationship. Based on articles from periodicals and books, it discusses the etymology and concepts of hospitality, storytelling and giving, through bibliographical research. As a result of the analysis, it was verified how the art of storytelling has been re-emerging nowadays in different contexts and its role in our society as a gift of words.

### **KEYWORDS**

Hospitality; Gift; Storytelling; Word.

---

<sup>1</sup> **Diná Viviane Duarte Lourençon** – Especialista. Mestranda em Hospitalidade, bolsista CAPES-PROSUP, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP, Brasil. Currículo: **1414665621046897** E-mail: [divianedl@hotmail.com](mailto:divianedl@hotmail.com)

<sup>2</sup> **Sênia Regina Bastos** – Doutora. Bolsista CNPq Produtividade em Pesquisa 1D. Professora no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9403222681503465> E-mail: [srbastos@anhembi.br](mailto:srbastos@anhembi.br)

## INTRODUÇÃO

Regina Machado (2015), no livro 'A arte da palavra e da escuta', uma das obras de referência neste texto, síntese teórica-poética, traz importantes reflexões sobre a arte da narração nos dias de hoje, principalmente como intenção educativa e os recursos a serem exercitados no processo. Ela escolhe a moldura da janela como metáfora para enfatizar que, quando queremos observar e contemplar uma determinada paisagem, ou seja, um determinado tema de estudo, cada área o observa por um prisma. Por exemplo, a janela da Antropologia utiliza os contos tradicionais para entender as funções das narrativas nas culturas humanas, a do Folclore indaga sobre as origens e sua difusão, a Psicologia a utiliza para tentar entender a psiquê humana e a da Literatura esclarece sobre as estruturas narrativas dos contos tradicionais. Nesse estudo, a moldura da janela será a da Hospitalidade, adotada para entender a dimensão da dádiva das palavras no storytelling.

O objetivo nesse artigo é discutir e suscitar sob o ponto de vista acadêmico, baseado em artigos de periódicos e livros advindos de pesquisa bibliográfica, as possibilidades do storytelling na atualidade, reconhecendo essa prática como dádiva das palavras. Tal envolve observar a circulação da palavra em um contexto de storytelling, possibilitando o estabelecimento de relações interpessoais e de acolhimento, posto que a dádiva, dimensão da Hospitalidade, é uma relação em movimento, em tempos e espaços planejados para esta interação.

A arte de contar histórias vem ressurgindo na atualidade, evidenciando a sua importância e o seu papel na nossa sociedade por meio da dádiva das palavras (Busatto, 2013). Os estudiosos das relações de Hospitalidade, adotados nesse artigo, foram Baptista (2008), Camargo (2015) e Montandon (2011), enquanto a incondicionalidade da Hospitalidade tem em Derrida (2003) o aporte teórico. A abordagem da dádiva apoia-se em Mauss (2003), Caillé (2002) e Martins (2002). Por sua vez, a dádiva das palavras encontra em Godbout (1999), Caillé (1998, 2002, 2005) e Farias (2018), o seu fundamento.

Os contadores de histórias e pesquisadores sobre o storytelling incorporados nesse estudo são: Tahan (1957), que trata das questões do storytelling ligadas à Educação; Busatto (2013), que se ocupa das questões relacionadas à história dos contadores, desde a nossa ancestralidade ao seu papel na atualidade como profissão; Matos (2005), que cuida das questões relacionadas à palavra poética dos contadores de histórias e à Educação; Medeiros e Moraes (2015), que abordam as questões relacionadas à tradição poética e suas interfaces; e Machado (2015), que

dedica-se à questão de a linguagem estar diretamente ligada à construção dos sujeitos e à relação com o mundo e a democratização da literatura pela contação de histórias.

## HOSPITALIDADE

O’Gorman (2007) argumenta que as palavras hospitalidade e hostilidade são provenientes da raiz proto-indo-européia *ghos-ti*: desconhecido, estranho, hóspede, anfitrião, “alguém com quem se tem deveres recíprocos de hospitalidade” (p. 2, tradução livre), mesma trajetória do latim *hospitalitas*. Na Grécia, a instituição da Hospitalidade chamava-se *Xénos*, posto que as obrigações precisas pelo pacto entre as relações sob a proteção de Zeus Xênios, comportava a troca de dádivas. *Xénos* não era entendido como ‘inimigo’, como o *hostis* em latim. Compreende-se o sentido literal de *\*ghosti-pets*, *hospes*, como designa Benveniste (1995), como a encarnação da hospitalidade, definindo, por fim, a *potis*.

As relações sociais são permeadas por situações de troca e constituição de laços de reciprocidade, entendidas a partir do termo raiz *\*mei-*, o *múnus*. O exercício da etimologia, mesmo que um tanto contraditório, fornece pistas para a noção do *\*dō-* ou ‘dar’, em todas as línguas, exceto no hitita, o termo grego *dóron* ou seu advérbio *dōreán*, indica ‘gratuidade, a troca de nada’, ou seja, o ‘dom’ é algo associado sob o desinteresse (Benveniste, 1995). Este autor, a partir das explicações sobre a etimologia da Hospitalidade e seu oposto, evoca o *potlatch*, princípio desenvolvida por Marcel Mauss em 1924, sob a noção de dons e contradons, como se uma força coercitiva em diferentes tempos e espaços sugerisse trocas e, com isso, a manutenção dos laços. Segundo Benveniste, a Hospitalidade se esclarece com a referência ao *potlatch*, pois se funda sobre a ideia de que uma pessoa está ligada a outra.

Grinover (2019) chama a atenção que, para o entendimento do fenômeno da Hospitalidade e suas dimensões, requer diferentes saberes, quando se trata de incentivar e qualificar sua prática não só como virtude de pessoas e os lugares que elas ocupam. O incentivo às relações de hospitalidade como uma virtude entre pessoas ou em instituições públicas é um desafio, posto que, além do teórico, envolve a comunicação e sentimentos de pertencimento e inclusão, na medida em que existe uma apropriação das pessoas às instituições (Grinover, 2019) e, nesse sentido, torna-se um fato social.

Camargo (2003) alega que a “hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contextos doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter as pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat” (p.28). Analisa a relação interpessoal

como resgate e compreensão do mundo contemporâneo. De acordo com o autor, o ambiente social cada vez mais inóspito, impacta a realidade e, conseqüentemente, a hospitalidade, que passa a acontecer nos interstícios do cotidiano: “mais que um fato observável, é uma virtude que se espera quando nos defrontamos com o estranho” (p. 44). O que se aspira é ao acolhimento estabelecido por meio de contatos verbais e não-verbais, ou seja, a interação social, componente básico da cena hospitaleira para criação do vínculo humano, seja ele primário [intimidade] ou secundário [etiqueta].

Montandon (2011) cita a ‘Odisseia’, quando Ulisses, aventurando-se pelos mares, a cada parada fazia um teste de hospitalidade: “Vou encontrar brutos, selvagens sem justiça, ou homens hospitaleiros, tementes aos deuses?” (p. 31). Evidencia o imaginário em torno do mundo humano e de seus limites, ao expor as peregrinações do aventureiro, bem como, a hospitalidade como sinal de civilidade e humanidade. Assim, a hospitalidade encontra-se presente em contextos de interação social, solidariedade e sociabilidade. A aproximação entre hospitalidade e o ato do narrar é evidenciada por Létoublon (2011), também buscando os gregos, quando “Helena propõe contar narrativas relativas a Ulisses, o que implica que as formas orais mais elementares de ‘literatura’ estão ligadas ao banquete da hospitalidade, e que o prazer de beber e de comer se liga ao prazer de ouvir o relato” (p. 357). Faz parte do bem receber contar histórias, mesmo que histórias domésticas ou as que se referem ao servir bem, como relata uma das Fábulas de Esopo, ‘A raposa e a cegonha’. Camargo (2011) afirma que “a hospitalidade permanece sendo um conjunto de valores, uma poderosa força que, como um conjunto de leis não escritas, subterraneamente serve como referência para a vida social” (p. 28), ou seja, a essência da hospitalidade está enraizada de tal forma por meio das dádivas que compreendem os valores da incondicionalidade e da gratuidade, que consolidam as sociabilidades.

Segundo Baptista (2008), sob um olhar pedagógico, despertar a consciência das pessoas para o bem e para a trama espiritual que anima o espírito dos lugares, é o que impele o sujeito para a dádiva, já que, como explica ela, a identidade pessoal alimenta-se dos laços de enraizamento temporal, o qual carecem da vinculação a um ambiente natural, de cultura, e relacional, ou seja, do sentimento de pertencimento livre e gratuito. Enfatiza, também, que a relação que mobiliza matéria e espírito está diretamente relacionada a uma experiência intensa do olfato, da visão, do paladar, da audição, assim como do pensamento, do sentimento, das memórias, da ação e do sonho, sendo que o ‘espírito’ que guarda os lugares de hospitalidade, não está nas potencialidades materiais, “mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados,

amados, e, sobretudo, partilhados” (p. 6), portanto, nessa relação de partilha, passa-se a interação pelas coisas abstratas e gratuitas.

Godbout (1997, como citado em Grinover, 2006) opina que a hospitalidade “é um dom do espaço; espaço a ser lido, habitado, atravessado ou contemplado” (p. 32), ou seja, a hospitalidade é uma relação espacializada. Seja numa residência, instituição pública ou privada, onde as pessoas recebem e são recebidas, há a incidência de regras escritas e não escritas. Derrida (2003) entende a hospitalidade como um ato poético e em sua genealogia sobre uma cultura hospitaleira e a forma como ela se manifesta, de acordo com cada cultura e contexto, ele defende que se a cultura é viva e se continua acontecendo é porque a arte da hospitalidade faz a cultura e não o inverso, num movimento “capaz de remover as resistências e ceder espaço para o estranho, o esquisito, o incongruente, mas também ceder para o admirável.” (Farias, 2018, p. 143)

Gotman, em entrevista à Raynal (2013), observa a importância em todos os campos sociais, da base doméstica da hospitalidade, da prática do acolhimento pelas palavras, mesmo que pela delicadeza de um ‘bom dia’ ou um ‘bem-vindo’. Essa experiência ocorre também com a narração de histórias, que mais tarde ou concomitantemente, pode ser transmitida a outros grupos sociais. Por fim, Farias (2018) julga que falar em dádiva, uma dimensão da hospitalidade, é falar em vínculos sociais, permitindo o despertar da consciência para a bondade da vida e para a trama espiritual que anima os espíritos dos lugares. Segundo Godbout (1999), Aristóteles foi o primeiro e maior teórico da dádiva, durante 2.500 anos situando o paradoxo que é coextensivo à lógica da dádiva, ou à constituição da relação social que se fecunda e se nutre da ‘graça’, própria da generosidade e da espontaneidade. Para Aristóteles a amizade [*philia*] repousa sobre a capacidade de dar e retribuir, ou seja, sobre a reciprocidade [*antipeponthos*] para que possa existir a comunidade [*koïkonia*] e assim a política e o reconhecimento mútuo dos seus valores.

Reunindo material extraído da etnografia e da história das religiões, Mauss (2003) escreveu o ‘Ensaio sobre a dádiva’<sup>ii</sup>, considerado o maior livro de antropologia moderna (Godbout, 1999). Ao analisar as civilizações antigas, Mauss traça um circuito da dádiva à troca, descrevendo-as teoricamente, como presentes voluntários, mas que na realidade daquele contexto, eram compulsoriamente dados e retribuídos. E nessa função de compreender a dádiva segundo Mauss, Godbout acredita que na razão moderna, alguma coisa escapa para o entendimento do dar, receber e retribuir, transformando a dádiva em uma espécie de tabu e coexistindo como uma espécie de enigma da condição humana, mas tão atual quanto característica das sociedades

primitivas, porém distinto em cada caso e contexto. Godbout entende que a dádiva serve para estabelecer relações, onde não cabe pensamentos sobre atos unilaterais e descontínuos, sendo assim, a negação da dádiva incide na negação da relação.

Na verdade, é um erro acreditar que o sistema da dádiva pertence apenas às sociedades tradicionais e primitivas, pois ainda nos dias de hoje e mesmo no setor econômico, os indivíduos tentam por meio da persuasão conquistarem-se e 'domesticarem-se' na tentativa de 'criar laços', como ilustra Godbout (1999), por meio do recurso ao diálogo da raposa e do menino, contido na obra 'Pequeno Príncipe', assim como Caillé (1999), que também faz uso de histórias para ilustrar suas ideias sobre a dádiva e contra-dádiva. A dádiva a desconhecidos é uma característica da modernidade, nela as pessoas comuns tem a condição de manifestar altruísmo, além da esfera das relações pessoais, a beneficência e aí está a importância da pessoa na perspectiva da dádiva moderna, onde a rede soma a partir das relações únicas, transformando-se em algo maior e constante, portanto, dando vida e mantendo viva a dádiva.

Para Mauss (2003), a *kula* ou círculo, que no contexto interligava parceiros enraizados em ilhas e regiões, formando um sistema internacional de trocas, círculo com maior significância, quando se consegue transpor, numa interseção, cria-se um novo amigo, um novo vínculo, novo laço, novo caminho. O espírito da coisa dada, para Mauss, significa a própria obrigação de retribuir ou o equivalente ao *mana* que habita nos bens pessoais, ofertados a alguém do clã, da linhagem, ganhando um sentido maior para aquilo que se ganha e aquilo que se dá, onde o valor não é monetário, mas um significado de valor simbólico.

Na Modernidade, os "homens que dão confirmam uns aos outros que não são coisas", conforme apontam os escritos de Godbout (1999, p.201), pois assim, a dádiva primitiva e o *hau* do sábio maori se reencontram. Já que para Mauss, o *hau* é o espírito da coisa que circula, seja ela qual for, pois o espírito da coisa dada ganha sentido porque parte da pessoa que deu, este, portanto, é o vínculo, o valor simbólico. Na verdade, o que os sistemas da dádiva querem ensinar de 2.500 anos para cá, é a consciência de pertencimento e que o espírito da dádiva nada mais é do que o espírito simplesmente ou o sentido da coisa dada de um ser para outro ser. Não é algo para calcular, pois como ressalta Godbout (1999): "O cálculo é mecânico, os vínculos sociais, não" (p.235). O mesmo autor defende que dar é retribuir e é receber, ou seja, ainda na modernidade existe o recurso às metáforas e mitos para tornar compreensível a circularidade da dádiva.

Simmel (1908 como citado em Haesler, 2002) considera a dádiva uma das mais poderosas funções sociológicas, pois sem essa condição da ação mútua entre doador e donatário, nenhuma

sociedade teria condições de se constituir, pois depende não só do estabelecimento como da manutenção das relações. E se a dádiva é ‘gratuita’, como afirma Benveniste (1969), dada por espontaneidade, sem a expectativa de retorno, resulta, no entanto, na constituição de vínculo social, de pertença e de liberdade, pois a dádiva “é o palco onde se encena o vínculo social mais livre que existe” (Godbout, 1999, p. 217), é algo que se dá sem querer nada em troca, dá-se quando e porque se quer. O sujeito contemporâneo, moderno por sua vez, assim como sabe o que se esconde por trás das histórias dos deuses e dos mitos e como elas são relatadas de acordo com os países e tempos, ele é realista, portanto, sabe o que há por trás da dádiva. Corroborando com esse estudo, Godbout (1999) acrescenta que a “dádiva é uma reflexão a partir de uma experiência. [...] Sem o espírito da dádiva, as coisas podem circular numa rotina que não alimenta mais nenhum vínculo” (p.254) e sugere que essa observação ou essa regra possa ser aplicada, também, ao observador, posto que “somente quem possui o espírito da dádiva pode vê-lo em ação ao observar os comportamentos humanos” (p.254).

#### **STORYTELLING E SUAS NUANCES**

O storytelling é um ato, a priori e na sua essência, de tradição oral mundial sendo uma das práticas mais remotas do *homo narrans*<sup>iii</sup> ante o desenvolvimento das habilidades da fala e da comunicação ancestral e dos primeiros registros da escrita. Palacios (2020), especialista em narrativas e pioneiro do *storytelling* no Brasil, define storytelling de acordo com a intenção na qual se aplica. Ele destaca três vertentes, a adotada na prática pedagógica escolar, o storytelling didático, ou seja, quando os professores fazem uso das histórias para tornar suas aulas mais envolventes; o business storytelling presente no ambiente de negócios, composto por relatos de histórias e marcas das empresas divulgadas em palestras, treinamentos, reuniões e na acolhida de funcionários; e o creative storytelling existente no mercado do entretenimento, praticado na literatura, cinema, quadrinhos, games, dramaturgia e artes plásticas.

O termo inglês <storytelling> advém da composição de ‘story’, que significa história, e ‘telling’, cujo sentido é contar, ou seja, trata-se da arte de contar histórias usando elementos simples como palavras e técnicas, como objetos, sons, gestos, movimentos, olhares ou recursos audiovisuais para transmitir uma história escrita por alguém ou mesmo transmitidas por tradições orais ancestrais, com o objetivo de comunicar uma mensagem, acolher e estabelecer a interação entre as pessoas (Meus Dicionários, 2021)

A contação de histórias ou a arte de contar histórias é uma prática onipresente, assim como a leitura: “Contamos porque lemos e lemos porque contamos, em um movimento circular. As histórias só existem porque há quem as conte e quem as leia, dentro da tríade mínima da comunicação: emissor, mensagem e receptor” (Medeiros & Moraes, 2015, p.11). Desde os tempos mais remotos em torno das fogueiras, que os nossos ancestrais faziam uso das histórias mitológicas para explicar fenômenos ainda não desvendados, mas também como meio de se comunicar, de se relacionar, de aprender e de entreter, por intermédio da fala e da escuta, explorando a emoção, a razão e assim o entendimento interrelacional.

Ao passar do estado bárbaro ao da vida civilizada, o ser humano dispôs do contador de histórias. Os segredos da arte do dizer deixou de ser um mero instrumento de diversão para se tornar depositário das tradições a serem conservadas e veneradas através dos tempos, originando “as primeiras lendas, mitos, as tradições folclóricas, as fábulas e as alegorias, que são as formas mais antigas de histórias” (Tahan, 1957, p. 27). O contador, hoje, é a fogueira que reúne pessoas ao seu redor “em torno da ‘palavra’ do contador” (Machado, 2015, p.23). Assim, na opinião de Busatto (2013), a figura do narrador na roda não opera apenas como propagador da sabedoria, mas nos diferentes níveis de realidade, pois é nessa circularidade da roda que contém o elo entre os mundos de dentro e de fora, que se liga o objetivo ao subjetivo: “O círculo é o símbolo da totalidade, do temporal e do recomeço” (p.77)

Machado (2015) alega que a narração tem a função do imaginário e que isso não faz parte somente de um estágio infantil, pré-lógico, mas inclusive auxilia na instância do pensamento científico, pois ultrapassa a visão medíocre da realidade. O imaginário, para Durand (2001), é o que constitui o capital pensado pelo *homo sapiens*. O imaginário é um espaço de elaboração e transmutação de pensamentos, sentimentos, percepções, criações e, como define Bachelard (2000), a maior potência da natureza humana.

Machado (2015) relata a trajetória de Malba Tahan<sup>iv</sup>, ou Júlio César de Melo e Sousa, mais conhecido no Brasil pelo livro ‘O homem que calculava’. Em seu livro ‘A arte de ler e de contar histórias’, de 1957, ele traz uma das mais famosas fábulas contadas por Xerazade, dos contos do livro ‘As Mil e Uma Noites’, integrante da tradição oral árabe: ‘Uma fábula sobre a fábula’. Essa fábula deixa claro que o ato de narrar também é um ato de negociação, em que o ser humano, por sua capacidade narrativa, usa histórias para explicar o mundo a sua volta, assim como para aprender mais sobre ele.

Conforme afirma Domingos (2009), storytelling é o próprio *pan narrans* ou *homo narrativus*. Ele desenvolve a hipótese de que somos personagens de várias histórias do dia a dia e a noção de que “o ato de narrar é inevitavelmente um ato de deslocamento e de negociações entre a consciência e a inconsciência, gerando significadas formas de ser e estar no mundo” (Domingos, 2009, p. 8). Barthes (1976) afirma que a “narrativa está presente em todos os tempos, [...] lugares, [...] sociedades” (p. 57), enquanto Arab (2012) argumenta que o ato de narrar e ser narrado é uma forma de autoconhecimento e do seu meio. As palavras destinam-se tanto para o acolhimento, quanto para o distanciamento, e podem dar sentido antagônico num mesmo espaço e tempo. (Arab, 2012)

Os contadores de histórias receberam vários nomes através dos tempos: era o *rapsodo* para os gregos; o *griot* [em francês] para os africanos; o *bardo* para os celtas; ou simplesmente o contador de histórias, o ‘portador da voz poética’ (Zumthor, 1993). No dizer de Santos (2010), o ser humano é sociável por natureza, o que motivava a sua organização em círculos para ensinar e aprender uns com os outros, desde os primórdios. Dessa forma, percebe-se, como caracteriza Ramos (2010), que a contação ganha uma dimensão antropológica filosófica quanto aos desdobramentos sociais, por falar de pessoas e suas histórias para outras pessoas e a identificação com os personagens durante o processo de escuta.

A África é exemplo de que tudo é História. Lá a grande história da vida compreende a terra e a água [geografia], os vegetais [botânica e farmacopeia], os filhos do interior da terra [mineralogia e metais], os astros [astronomia, astrologia] e assim seguem em outros lugares. Zilberman (2003 como citado em Magalhães, 2010) alega que a partir do Iluminismo surge a valorização da razão em detrimento da imaginação, pois julgavam que as histórias de fadas eram perda de tempo para as crianças. Porém, no século XIX, mais preocupados com o desenvolvimento infantil, as questões das histórias infantis e da educação foram revistas e influenciada pela Revolução Industrial, a literatura para a infância passou a incluir algumas críticas e ideias sociais nos contos. Quanto as pesquisas atuais, Matos (2015) afirma que estão direcionadas para áreas como a literatura, a antropologia e a etnologia, aos aspectos ligados às culturas orais, nas quais os contos têm função de coesão social, enquanto a psicologia, recorre às possibilidades terapêuticas dos contos. O foco é para o conto em si e suas funções sociais, terapêuticas, iniciáticas e pedagógicas. Afirma ainda que nas áreas das Ciências Sociais e da Educação, o tema ainda é pouco explorado.

Machado (2015) argumenta que os contos milenares que atravessaram gerações estão sendo recontados por necessidade, busca e conflito, sejam eles internos ou externos, reflexão, divertimento, aprendizagem, transformando todas essas questões, essas buscas, quase sempre em sentimentos melhores. Nas leituras em Tahan (1957), encontramos que na Idade Média o contador de história era bem vindo e respeitado em toda parte, ele frisa que “as crônicas atestam que na Boêmia, na Áustria e nas Ilhas Britânicas, os trovadores, os segréis, os jograis, os bardos e os menestréis, obtinham passaportes quando outros indivíduos não podiam obtê-los” (p. 28). Essas pessoas viajavam de palácio em palácio, de aldeia em aldeia, cantando, recitando, declamando e contando as histórias do gosto popular da época. E até nossos dias, todos os povos, civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas, segundo Tahan.

Busatto (2013) explica que, em cidades da França e Alemanha, havia clubes de leitura nas próprias cafeterias na Europa no século XVII, dos quais faziam parte pessoas cultas, letradas e que frequentavam esses espaços mediante um pagamento mensal e assim poderiam ter acesso a uma grande variedade de livros e jornais. Como descrito por Matos (2005), lá pelos anos 1970 os contadores de histórias começaram a se movimentar. Em fevereiro de 1989, um colóquio internacional foi realizado no Musée National des Arts et Traditions Populaires, de Paris, sob a iniciativa da Direction Régionale des Affaires d’Or de France e do próprio Museu, com 350 participantes, representando 14 países, com o objetivo de avaliar o impacto social e cultural da volta dos contadores de histórias nos países em que esse fenômeno se manifestara com maior vigor. Calame-Griaule<sup>vi</sup> (2001 como citado em Matos, 2005) pontua a importância desse fenômeno: “É tempo de chamar a atenção dos pesquisadores especialistas em conto sobre esse retorno à oralidade que responde a uma necessidade profunda de nossas sociedades. Enfim, é tempo de perguntar aos próprios contadores o que eles têm a dizer sobre o conto e o contador” (p. 18).

Na década de 1990 constata-se o reaparecimento dos contadores de histórias nos grandes centros urbanos, cujas evidências são o Festival Belo Horizonte<sup>vii</sup>; Convivendo com Arte e Noite de Contos<sup>viii</sup> e As meninas do conto<sup>ix</sup> (Matos, 2005). A narrativa pode ser usada nas relações combativas ou solidárias num eterno devir entre os sujeitos e os personagens. Apesar das características da cultura contemporânea, racional e tecnológica, ainda se conservam as tradições orais e sem a narrativa elas dificilmente subsistiriam (Zumthor, 1983 como citado em Matos, 2005). Essa hipótese é fundamental para a valorização do storytelling na

contemporaneidade. Essa arte que atravessou o tempo, os túneis, as pirâmides, as caravanas, os mares, os espelhos, e até mesmo um momento de hiato, mas que nunca saiu da boca, dos olhos, dos cenários, seja de uma igreja, de um acampamento, de uma varanda, de uma aldeia, uma casa de avós, uma escola ou de núcleos maiores como teatros e bibliotecas.

Assim como mostra Cascudo, o que acontecia no Brasil Colônia, quando as amas contavam histórias ao acalantar as suas crianças e as das sinhás, pode ser considerado o primeiro 'leite intelectual', no qual ele mesmo bebeu. Uma das histórias mais comoventes da época dos navios negreiros é o da Boneca Abayomi, feita de retalhos das poucas vestes das pessoas trazidas a força da África como escravos, que em meio a todo aquele caos e horror, ainda encontravam resiliência na tentativa de acalantar suas crianças. Daí que o dinamismo da contação têm sua gênese no núcleo familiar e se estende para outras experiências e vivências. Do ethos grego oriundo do refúgio seguro do lar e sob arranjos, repete-se em outros lugares, com outras pessoas, formando o hábito e o caráter de diferentes formas, pois da ruptura entre o verbo e a escrita, entre o espírito e a letra, entre a arte e a indústria, a narração assume diferentes formas, sejam elas nas novelas, na ópera, mas nunca longe do ethos, identidade que se aproxima do imaginário poético.

Os professores do Brasil, muitas vezes, iniciam seus alunos neste mundo da oralidade, mesmo não sendo filhos da tradição do contar, ou seja, não foram criados com a presença de contadores de histórias na sua família ou na sua comunidade, mas tem sensibilidade suficiente para por meio das palavras transmitir algo. A tendência de incorporar os contos de tradição à educação escolar, deve-se à necessidade que o indivíduo moderno possui ao empregar sua força psíquica e consciente a fim de atenuar os impactos do dia a dia, ele requer uma arte que o estimule as suas produções subjetivas, como acentua Busatto (2013): "É a palavra vestindo a roupa do seu tempo" (p. 91). E é assim, por meio de muitas formas de narrar e suas simbologias que o contador de histórias assume as funções de informar, aconselhar, divertir, valorizar e difundir tradições, a propor reflexões filosóficas e reavaliações práticas, já que estabelece uma espécie de vínculo de cumplicidade entre ele e o ouvinte num imaginário em comum.

A ciência também se mostra adepta das histórias há algumas décadas, como mostra Louisa Duss<sup>x</sup> (apud Tahan, 1957); por meio de dez historietas ou fábulas, a psicanalista determina a origem desconhecida e inconsciente de certos comportamentos inadequados da criança, como, por exemplo, predileção definida (A Fábula do pequeno passarinho); ciúme para com um dos pais (O aniversário de casamento); complexo de desmame e ciúme fraterno (O cordeiro);

agressividade, desejo de morte, autopunição (O enterro); angústia e autopunição (O medo); complexo de castração (O elefante); caráter punitivo (O objeto fabricado); complexo de Édipo (O personagem com o pai ou a mãe); desejo de temor das crianças (A novidade); e controle das fábulas precedentes (Sonhos maus). Além disso, Maciel e Schaitel (2015) acrescentam também necessidade de preparação, pois antes das apresentações estão a leitura e a pesquisa de histórias, a convivência com contadores e mestres para observações, trocas e conversas, o aprimoramento de técnicas por meio de oficinas e práticas, a organização do próprio exercício e a promoção e a difusão da cultura, da leitura, da educação e da cidadania, fundamentais para a formação do ser humano.

Dessa forma, as histórias têm o poder de consolidar laços afetivos de companheirismo entre as pessoas, enquanto o contador cultiva a atenção do ouvinte e a delicadeza pelas palavras. Sendo assim, a arte pode ser pensada como transformação simbólica do mundo, vibra com vida ao mesmo tempo em que as histórias pulsam nessa configuração da comunicação emocional. Matos (2005) acredita que “o espaço do conto é um espaço potencial na medida em que ele aconchega, quebra barreiras, institui as igualdades; é um espaço de confiança e de afeto” (p.21). O espaço do trabalho e o espaço do lazer requer uma recepção pela narração da história e do próprio receptor onde o tempo de ouvir uma história constitui o elo entre o narrador e o ouvinte. O papel do ouvinte é tão importante como o do contador de histórias e parodiando Charles Chaplin: “mais do que nunca, nossa educação precisa formar pessoas sensíveis e não apenas técnicos aptos a serem mãos de obra para o sistema” (como citado em Chaves, 2010, p. 57)

### **CIRCULAÇÃO DA DÁDIVA POR MEIO DAS PALAVRAS DO *STORYTELLING***

A palavra consiste em pequenos presentes verbais (Caillé, 2002) e “é assim que se dá a palavra a alguém” (Godbout, 1992, p. 21), em situações de hospitalidade e de comunicação interpessoal. Ao ser dada, tomada, retribuída e retomada, Caillé (2002) entende a palavra como uma dimensão da dádiva. Foi por meio de palavras que os primitivos dominaram e denominaram o seu estar-no-mundo, como sugere Godbout (1999), dando sentido as suas particularidades culturais, cada povo, cada ilha primitiva, por meio das palavras, ou a linguagem da dádiva, criaram a sua interpretação sobre as sociabilidades primárias. Como defendem Ferreira, Santos, Perazzollo e Pereira (2017), a linguagem é uma ponte para o estabelecimento de vínculos, na qual o corpo e voz falam, convites e afastamentos são feitos diariamente.

Na relação da dádiva, os atores não visam o objeto como simples troca, antes a relação, o vínculo, a amizade, a solidariedade, os laços que se constroem e que unem, as coisas abstratas, como as palavras que tem o poder de unir simbolicamente as pessoas, um processo de dentro para fora, imanente e transcendente, fruto da constituição da sociabilidade humana. Carroll (1987 como citado em Caillé, 2002) argumenta que a arte da conversação para os franceses estabelece vínculos, cria redes, como se a palavra fosse um fio que tece essa rede, como uma teia de aranha, tecendo relações recíprocas, passando a rodadas de conversação, onde a palavra carrega e doa honra, seja entre duas pessoas ou uma multidão. Uma conversa animada, por si só, indiferente do número de atores envolvidos, brilha por seu espírito, vivacidade, réplicas e diálogos, desencadeada por obrigações sociais ou por histórias mirabolantes, embora essas trocas sejam preferíveis em um curto espaço de tempo, já que sua profusão possibilita felicidade e ainda, como sugere Caillé (2002), “à euforia compartilhada que torna os saraus bem-sucedidos” (p.102).

As interações verbais, como afirma Caillé (2002), consistem em relações de dádivas e contra-dádivas das palavras, onde o dizer pretende dar na possibilidade de dar, tomar, retribuir e retomar, numa circulação de trocas de palavras, onde todos tornam-se doadores e receptores, num ritual de pequenos presentes verbais, onde o que circula não são bens materiais, como os conhecidos modernamente, mas a palavra, pois negá-la empobrece o doador. Falar é considerado, talvez, o principal dom, tanto que na dádiva considera-se um presente, mas como lembra Godbout (1999), os gregos eram perigosos com os seus presentes e Mauss (2003) frisou que a palavra *gifts*, para os germanos, significa ao mesmo tempo dádiva e veneno, portanto devemos cuidar das palavras para que ao invés de dádivas não ofertemos venenos.

Aí entra a questão da função das palavras, visto que cada termo usado ao que e a quem se destina surte diferentes repercussões, inicialmente uma *kula*<sup>xi</sup>, que simplesmente circula livremente. A palavra é um bem precioso que se monopolizada perde espaço e vez no espírito dos interlocutores. Acolher alguém, estranho ou não, de forma hospitaleira implica em abrir o espaço próprio sem reservas e sem desconfianças, pois precisamos dos outros para sermos quem somos, para darmos a nós mesmos, em cada gesto, em cada palavra, em cada coisa, portanto “o espírito que guarda os lugares reside nesse misterioso laço humano gerado na hospitalidade recíproca” (Baptista, 2008, p.10). Se a “dádiva não é uma coisa, mas uma relação social” (Godbout, 1999, p.16), há de se pensar que a circularidade da dádiva, do dar-receber-retribuir, é identificada, presenciada e materializada na circularidade das coisas e das palavras,

independente do lugar e espaço, torna-se potencialmente importante na doação, na troca, na reciprocidade, nas sociabilidades, na construção de vínculos e estreitamento de laços sociais.

Baptista (2008, p. 161) evidencia a importância das palavras na hospitalidade: a “hospitalidade pode dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e espaços que nos coube viver.” Constituída por um constante dar e receber (Mauss, 2003), a vida social apoia-se fundamentalmente na circulação da palavra, essencial para o estabelecimento de relações, construção de vínculos e laços sociais (Caillé, 2002). O dom tratado neste estudo como sinônimo de dádiva estabelece ligações (Godbout, 1992) e se a palavra é proferida por um storyteller pode-se pensar que o *storytelling* tem o dom da palavra, da convivência entre os humanos por uma comunicação hospitaleira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de perspectiva acadêmica, objetivou-se discutir as possibilidades de atuação do storytelling na atualidade, reconhecendo essa prática como dádiva das palavras, por meio de pesquisa bibliográfica. Independente das circunstâncias, a arte de contar histórias ressurge na atualidade em diferentes contextos. O acolhimento e a dádiva, dimensões da hospitalidade, fundamentam-se nas relações interpessoais, cenas de trocas e constituição de laços e de reciprocidade, conforme apontam referências obtidas pelas leituras sobre hospitalidade e dádiva.

As trocas como dádivas, podem ser entendidas como algo dissociado ao interesse ou pensado como sinônimo de dom, posto que os princípios estudados em Mauss (2003), sugerem que uma certa força de trama espiritual, em diferentes tempos e espaços, impele os sujeitos, numa circularidade do dar, receber e retribuir. A existência de vínculos sociais e de sentimento de pertença, próprio da ideia referente ao *potlatch*, que se funda sobre a ideia de que um homem está ligado ao outro, evidencia-se em qualquer ambiente social, desde o doméstico onde se funda a essência da hospitalidade, até os contextos público, comercial e virtual. A arte da hospitalidade faz a cultura de um lugar, mesmo por uma palavra singela de um “bom dia” e um sorriso, atitudes destinadas a remover resistências, despertar e animar o espírito dos lugares, na forma mais livre que existe dada pela espontaneidade.

Sendo a dádiva uma das mais poderosas funções sociológicas, as pessoas conquistam-se por pequenos presentes verbais e não-verbais, como uma perspectiva da dádiva moderna, dando-

se de si ao outro pelas palavras como acolhimento. A palavra existe porque o ser humano existe e foi dessa forma que desde os primórdios usamos esse meio para comunicar, relacionar, aprender, negociar e entreter, explorando a emoção, a razão e, portanto, o entendimento. A narrativa está presente em todos os tempos e espaços, pois é uma forma de autoconhecimento e conhecimento do meio no qual nos inseridos. É também uma forma de socializar, de direcionar conhecimentos e resultados, uma forma de reflexão. No contexto contemporâneo, a retomada da contação de histórias revela a necessidade da sociedade em reencontrar-se enquanto ser humano no que tange ao acolhimento, aos vínculos, as relações afetivas, a inclusão, a sensibilidade, a compreensão, ao despertar dessa dormência social e emocional.

A arte de contar histórias, assim como a hospitalidade, surge no seio familiar, desdobrando-se em distintos grupos sociais, como fato social de acolhimento de um ser para com outro ser. Atravessou tempos e espaços e restabeleceu vínculos entre as pessoas pelos meios mais modernos, sejam pelos meios televisivos, virtuais ou até mesmo comerciais. O contador de histórias, por meio das palavras, assume funções de informar, aconselhar, divertir, valorizar e difundir as tradições, propõe reflexões filosóficas e reavaliações práticas para a educação e a cidadania, fundamentais para a formação do ser humano e conseqüentemente da sociedade. Sendo assim, o contador de histórias ganha proeminência, porque tem o potencial dom de aconchegar, de quebrar barreiras, de instituir igualdades, confiança e afeto, formando pessoas sensíveis, tão necessários ao sujeito moderno.

A tríade dar, receber e retribuir, agora circula pela comunicação do emissor, mensagem e receptor. Onde a fogueira, que antes aglutinava as pessoas no seu entorno, é substituída pelo contador de histórias ao reunir as pessoas em torno da palavra, da simbologia, do imaginário que auxilia na elaboração do pensamento, do sentimento, da percepção e criação humanas. Somos personagens de histórias diárias e o ato de narrar é um ato consciente ou inconsciente que se destina ao acolhimento ou ao distanciamento, pois a linguagem é uma ponte para o estabelecimento de vínculos, de convites e afastamentos. Portanto, na circulação das palavras incide a tríplice aliança do dar, receber e retribuir, na possibilidade de dar, tomar, retribuir e retomar, onde todos transformam-se em doadores e receptores.

As interações verbais do contador de histórias consistem em relações de dádivas e contradádivas, onde o que circula não são bens materiais, mas as palavras, essencial para o estabelecimento e manutenção de vínculos e laços sociais. Assim, o dom da palavra proferido pelo *storyteller* desde os nossos ancestrais não caiu no esquecimento, pelo contrário, cada vez

mais encontramos pessoas de diferentes áreas usando o storytelling como uma comunicação hospitaleira, perpetuando o seu papel na sociedade como uma dádiva das palavras.

## REFERÊNCIAS

- Arab, A. B., Domingos, A. A., & Dias, D. A. (2011). Storytelling Empresarial: *relações públicas contador de histórias*. Anais... XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo-SP. [Link](#)
- Aristóteles. (2007). *Política*. São Paulo: Ícone.
- Bachelard, G. (2000). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 5-14. [Link](#)
- Barthes, R. (1976). *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Benveniste, E. (1995). *O vocabulário das instituições indo-européias*. Campinas, SP: Unicamp.
- Busatto, C. (2013). *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Caillé, A. (2002). A dádiva das palavras: o que o dizer pretende dar. In: P. H. Martins (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes.
- Camargo, L. O. de L. (2003). Os domínios da hospitalidade. In: A. de F. Decker, & M. S. Bueno (orgs). *Hospitalidade: cenários e oportunidades* (pp. 7-14). São Paulo: Pioneira.
- Camargo, L. O. de L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Camargo, L. O. de L. (2008). A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 15-51. [Link](#)
- Camargo, L. O. de L. (2011). O estudo da hospitalidade. In: A. Montandon. (org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac.
- Camargo, L. O. de L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 12(n. especial), 42-69. [Link](#)
- Cascudo, L. da C. (1993). *Dicionário do folclore brasileiro*. V. 151. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Chaves, S. (2010). Jogos teatrais e a arte de contar histórias. In: G. Tierno. (org.). *A arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: ícone.
- Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2003). *Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.

- Domingos, A. A. (2009). Storytelling: evolução, novas tecnologias e mídia. *Anais... XXXII Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Curitiba. [Link](#)
- Durand, G. (2001). *Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Farias, A. B. de. (2008). *Poéticas da Hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk.
- Ferreira, L. T., Santos, M. M. C. dos, Perazzollo, O. A., & Pereira, S. (2017). *Linguagem: uma ponte para o acolhimento*. *Anais... 8º Semintur – 1º Hospitalidade em Colóquio: Pesquisa e Ensino, Caxias do Sul*. [Link](#)
- Godbout, J. (1999). *A Dádiva entre os modernos: o espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV.
- Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 3(2), 29-50. [Link](#)
- Grinover, L. (2019). Nós, a cidade, a hospitalidade. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 11(1), 224-234. [Link](#)
- Haesler, Aldo. (2002). A demonstração pela dádiva: abordagens filosóficas e sociológicas. In: P. H. Martins (org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Homero. (2001). *Odisséia*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Maciel, A., & Schaitel, S. (2015). Cia. Mafagafos: contadores de histórias. In: F. H. N. Medeiros, & T. M. R. Morais. (orgs.). *Contaçõ de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Sesc.
- Machado, R. (2015). *A arte da palavra e da escuta*. São Paulo: Reviravolta.
- Magalhães, Ivani. (2010). Era uma vez: Um breve histórico das histórias para crianças. In: G. Tierno. (org.). *A arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: ícone.
- Martins, P. H. (2002). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Martins, P. H. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73. [Link](#)
- Matos, G. A. (2005). *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins fontes.

- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify.
- Medeiros, F. H. N., & Morais, T. M. R. (2015). *Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Sesc.
- Meus Dicionários. (2021). *Significado de storytelling*. [Link](#)
- Montandon, A. (2011). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac.
- O'Gorman, K. D. (2007). Dimensions of Hospitality: exploring ancient and classical origins. In: K. D. O'Gorman, C. Lashley, P. Lynch, & A. Morrison, (eds.), *Hospitality: a social lens. advances in Tourism research* (pp. 17-32). Oxford: Elsevier.
- Palacios, F. (2020). Storytelling: aprenda a entender e contar histórias. *Storytellers – Storytelling do empresarial ao entretenimento*. [Link](#)
- Pitt-Rivers, J. (2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 501-517. [Link](#)
- Ramos, L. F. D. M. (2010). A contaço de história sob uma perspectiva ético-antropológica. In: G. Tierno. (org.). *A arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: ícone.
- Raynal, M., & Camargo, L. O. de L. (2013). Entrevista com Anne Gotman. *Revista Hospitalidade*, 10(1), 146 -157. [Link](#)
- Santos, R. A. (2010). Ao pé do fogo... Conversas sobre oralidades. In: G. Tierno. (Org.). *A arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática*. São Paulo: ícone.
- Tahan, M. (1957). *A arte de ler e de contar histórias*. Rio de Janeiro: Conquista.
- Zumthor, P. (1993). *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia da Letras.

---

## NOTAS

<sup>i</sup> É usado antes de mostrar que a palavra é construída, ou seja, sua existência foi deduzida por estudiosos linguísticos e não há evidências escritas para provar a existência da palavra.

<sup>ii</sup> Marcel Mauss publicou seu *Essai sur le don* em 1924.

<sup>iii</sup> Termo latim que significa “humano contador de histórias”. O primeiro a citar isso foi Kurt Ranke, cujo artigo foi publicado em 1967.

<sup>iv</sup> A importância de Malba-Tahan é relatada pelo sobrinho dele (apud Machado, 2015). Nascido no Rio de Janeiro em 1895, ele é considerado de grande valor para a educação, literatura e narração de histórias, em virtude da importância de seu imaginário. Atribuiu o insucesso da publicação de seus contos, ao fato de não ser famoso ou estrangeiro, o que o motivou a inventar o codinome Malba Tahan.

<sup>v</sup> A esse propósito, e sobre os estudos sociológicos, Matos (2015, p.34) alega que em Calame-Griaule (1991, p. 11), encontra-se o seguinte esclarecimento: “[...] o artigo de Veronika Görög (1982), se bem que relativamente antigo, continua sendo a única tentativa de análise das causas e das tendências do que chamamos, talvez um pouco abusivamente, um “movimento”.

<sup>vi</sup> Presidente e diretora de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), sobre o colóquio na introdução do livro *Le renouveau du conte*.

<sup>vii</sup> A primeira edição de “Os melhores contadores de histórias”, ocorreu em 1992.

<sup>viii</sup> Idealizados por Gislayne Matos e Cecília Caram.

<sup>ix</sup> Outros grupos e contadores solos de histórias estão sem expansão.

<sup>x</sup> Em seu livro *La méthode des fables*.

<sup>xi</sup> Mauss (2003) explica que, a *kula* ou círculo, que no contexto, interligava parceiros enraizados em ilhas e regiões formando um sistema internacional de trocas, círculo com maior significância, quando conseguem se transpor, numa interseção, onde cria-se um novo amigo, um novo vínculo, novo laço, novo caminho. Os bens da *kula* são os *vaygu’as*. A *kula* seria a representação da mão visível da doação.

## **PROCESSO EDITORIAL**

Recebido: 18 Mai 21 Aceito: 5 JUL 21